

Memorial de projeto

É neste lugar — a escola — onde os conhecimentos básicos, as habilidades e competências para a vida inteira são desenvolvidos, onde as experiências cotidianas alimentam a aprendizagem e, também, onde os princípios que regem os jovens cidadãos vão pouco a pouco sendo esboçados. Por essa razão, o projeto de uma escola nos desafia a buscar, em cada decisão projetual, a responsabilidade de contribuir para esse processo de formação do indivíduo na cidade.

Refletir sobre arquitetura educacional implica também em avaliar um longo caminho já trilhado por grandes educadores brasileiros e a interlocução destes com a obra de arquitetos que se dedicaram a projetos públicos. As ideias de Mário de Andrade se refletem em parques infantis e bibliotecas paulistanas, nos ensinando que o espaço educacional é também cultural e recreativo. Anísio Teixeira terá fundamental importância no conceito das escolas-classe e escola-parque, estruturando experiências em vários estados. Arquitetos como Hélio Duarte, Eduardo Corona, dentre tantos outros, utilizam seus conceitos e depreendem que o programa educacional em uma perspectiva humanista, de educação integral, revoluciona a ideia de sala de aula, que adquire transparências e desmancha hierarquias entre professor e aluno. E, ao transpor esses ideais para uma política urbana, surgem tipologias de equipamentos públicos como pequenos teatros, bibliotecas, parques infantis, repli-

cados em uma rede, estruturando a vida dos bairros, tecendo a cidade. Das contribuições da experiência carioca em que as ideias de Darcy Ribeiro orientam Niemeyer e Lelé em seus CIEPs, vemos a pré-fabricação como um instrumento construtivo que responde à democratização dos equipamentos escolares e que, na dimensão do programa, geram uma profunda reflexão sobre o papel do equipamento escolar como estruturador de uma série de políticas sociais fundamentais para a realidade brasileira. As ideias de Paulo Freire, rebatidas na obra de Mayumi de Souza Lima no CEDEC de São Paulo, reiteram as contribuições anteriormente citadas e sublinham a percepção de como o meio físico — que se estende da escola à cidade — é alavanca fundamental para a educação. As escolas construídas pelo IPESP, CONESP e FDE vêm também alinhar a relação entre técnica construtiva, política pública e qualidade arquitetônica. Os Centros Educacionais Unificados recolocam a importância do equipamento educacional multi-funcional.

Dessas parcerias e experiências, que consistem em um verdadeiro legado, pode-se extrair uma equação até hoje válida: a importância e a potencialidade de espaços educacionais humanizados, democráticos e de influência multi-escalar sempre enfrentarão as inescapáveis restrições das políticas públicas e as mutáveis demandas da sociedade em desenvolvimento. Tendo delineado as motivações e os desafios, apresentamos a seguir o projeto:

2 blocos x 2 grupos de usuários x 2 cenários

O programa foi dividido em dois blocos: o primeiro é voltado aos ambientes escolares básicos como as salas de aula, os ambientes administrativos e os serviços de apoio. Já o segundo contém os programas voltados a um uso cultural, interdisciplinar e às atividades esportivas.

Essa setorização agrupa os ambientes por afinidades em relação às dinâmicas funcionais, requisitos ambientais e técnicos desses espaços. Também é motivada pela crescente e desejável prática de **transformar a escola em um polo de cultura e esporte**, atendendo a uma carência desses espaços no tecido urbano. Essa é também uma demanda pedagógica das políticas da educação integral, que contam com uma jornada de aula estendida e atividades variadas. A escola, como um equipamento distribuído pela cidade, garantido pela obrigatoriedade constitucional, carrega em si a potencialidade de oferecer suas dependências e serviços não só aos estudantes, como também à toda comunidade de seu entorno, otimizando e potencializando o investimento público. Para trabalhar com esses **dois grupos de usuários**, sem conflito, de maneira segura e organizada, as circulações e acessos foram desenhadas permitindo combinações de abertura e restrição, de modo que a escola possa ser aberta à comunidade nos fins de semana. Mas também garantem a autonomia funcional do bloco 2 para que este ofereça suas dependências

à comunidade, concomitantemente aos estudantes durante a semana, caso a demanda encontre, na capacidade administrativa, a possibilidade de viabilizar esse ideal. A possibilidade de abertura do palco do auditório para a praça de entrada da escola simboliza a vontade de conectar a escola com a comunidade do entorno.

A democratização do equipamento tanto como um ideal mais abrangente, como também no contexto específico do Parque do Riacho, foi pensada de modo a atender à possibilidade de replicação desse modelo em outros terrenos, ou até mesmo contendo a expansão do conjunto arquitetônico dentro desse mesmo lote. Para responder a esse requisito, foram utilizadas técnicas construtivas pré-fabricadas — estrutura metálica, steel deck, painéis de vedação em concreto celular — que apresentam rapidez de execução e facilidade de adaptação para futuras adições. No primeiro caso, os blocos e passarelas podem ser recombinados em outras implantações. No segundo caso, a implantação foi pensada de modo a comportar **dois cenários** possíveis. No **cenário 1** adotamos o **coeficiente de aproveitamento 1**, com os dois blocos compartilhando um grande pátio interno que se conecta visualmente à praça pública de acesso e, aos fins de semana, com a abertura do portão para a entrada dos usuários, ambos se conectam criando uma grande praça (**ver diagrama 01**). No **cenário 2**, criado para a necessidade de atingir o máximo **coeficiente de aproveitamento do terreno (1,5)**, parte do espaço

aberto central dá lugar a ampliação da escola. Isso, sem prejuízo dos espaços comuns e da qualidade ambiental geral do conjunto (**ver diagramas 2 e 3**), se utilizando de pilotis no bloco frontal e recuos entre os blocos, iluminando e permitindo a fruição na articulação entre as edificações. A adequação a cenários futuros fez com que se optasse por trabalhar com o estacionamento no subsolo, de modo que esse também possa ser proporcionalmente expandido nesse segundo momento.

Sustentabilidade e conforto ambiental são consideradas partes inerentes ao pensamento arquitetônico contemporâneo: ventilação cruzada em todas as salas de aula, proteção à insolação das fachadas, eficiência energética através de iluminação natural e instalações inteligentes, captação de águas pluviais, são alguns exemplos disso.

Na generosidade de um equipamento que se organiza para ceder parte de seu programa a um uso concomitante entre alunos e população, está a ideia de **valorizar espaços públicos coletivos** através da inserção destes no cotidiano de ambos os públicos. A sutil transição entre as áreas de acesso livre às de acesso restrito e as vistas generosas para a realidade circundante, permitem a contextualização dos estudantes na cidade em que habitam, aproximando a realidade **de fora para dentro** dos assuntos discutidos em sala de aula. Essa mesma permeabilidade visual acaba vertendo a vitalidade do ambiente escolar, **de dentro**

para fora, compartilhando-a com seu entorno, garantindo mais segurança e qualidade de vida urbana a esse importante espaço público, que tem o potencial de se tornar ponto de referência em escala regional.

Ao refletir sobre o significado da criação de um novo lugar, fizemos um exercício de flexionar o mesmo sistema construtivo, padronizado, eficiente e com alto potencial de replicação (**ver detalhes construtivos na folha 4**) trabalhando-o no sentido inverso, buscando variedade e especificidade. Isto é, incorporando aos painéis fabricados um sistema de composição gráfica modular, que se manifesta na fachada, fazemos referência ao legado de Athos Bulcão, combinando-o às paletas de cores inspiradas nos estudos de Josef Albers. Buscamos, com isso, **potencializar sutilezas e estabelecer identidades** que se contraponham à massificação vinculada aos sistemas construtivos padronizados industriais. Cada escola, dentro desse sistema proposto, poderia ter sua paleta e seu sistema gráfico conferindo sua individualidade.

A busca pela transparência, permeabilidade de fluxos e por uma expressão estética que se vale de cores e relevos, entendem o potencial de um marco arquitetônico local, não por sua monumentalidade, mas pela sua capacidade de estabelecer um delicado diálogo com a morfologia do entorno e com os anseios e referências da comunidade.

